

OLHARES E VOZES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA: LEITURAS DE *MAYOMBE* E *NOITES DE VIGÍLIA*

Derneval Andrade Ferreira

Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET)
derneval.f@hotmail.com

Adelino Pereira dos Santos

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / *Campus* de Santo Antônio de Jesus
adesantos@uneb.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões e discussões sobre as narrativas *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, problematizando-as no sentido de buscar e construir respostas agenciadoras da nova realidade sociocultural dos angolanos, pós-independência de Angola. Assim, questões a respeito dos discursos sobre os romances, os itinerários espaciais percorridos pelos autores, narradores e personagens, palavras, expressões, gestos, e outras formas discursivas, como instrumentos de linguagem que cadenciam a consciência social, foram considerados elementos relevantes para que novos olhares e dizeres fossem construídos e reconstruídos. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como parte de um capítulo da tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, de um dos autores deste trabalho, defendida em 2016.

Palavras-chave: Pepetela, Boaventura Cardoso, Angola, anticolonialismo

ABSTRACT

This article aims to present reflections and discussions about the narratives *Mayombe*, by Pepetela, and *Noites de Vigília*, by Boaventura Cardoso, problematizing them in the sense of seeking and building responses to the new socio-cultural reality of Angolans, after the independence of Angola. Thus, questions about discourses on the novels, the spatial itineraries traveled by authors, narrators and characters, words, expressions, gestures, and other discursive forms, as instruments of language that cadence the social conscience, were considered relevant elements so that new lights and sayings were built and rebuilt. A first version of this text was presented as part of a chapter of the doctoral thesis on Ethnic and African Studies, by one of the authors of this work, defended in 2016.

Keywords: Pepetela, Boaventura Cardoso, Angola, anticolonialism.

Introdução

A segunda metade do século XX foi um período decisivo para muitos países africanos. Se, de um lado, crescia a pressão do poder colonial para manter suas formas, como condição para prolongar no tempo as fronteiras do império, a outra parte debatia-se incessantemente pelo desejo de transformação, redefinição e de reestruturação. Dessa relação, nasceu como consequência uma conflituosa concepção de mundo que não poderia prescindir do surgimento de um discurso ambíguo, contraditório e complexo na relação dicotômica entre colonizador e colonizado.

Se a literatura situa-se no tempo e no espaço como instrumento capaz de trazer à tona os desenhos, imagens e representações de um povo em um dado momento histórico, em terras africanas ela contribuiu significativamente para a repercussão desse cenário, principalmente no contexto angolano. É nessa perspectiva que “a literatura, instrumento de libertação e arma de guerra, precisa descrever, criticar, projetar ensinar. [Nesse sentido, a literatura...] chamada de engajada, de protesto, é um epítome da essência, existência e *ethos* de um povo que ainda está para ser livre” (OJO-ADE, 2006, p. 251).

A ideia de colonialismo e anticolonialismo abordada nas narrativas *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, passa, neste trabalho, pelo viés da relação entre história e literatura e das discussões acerca do anticolonialismo. Esses caminhos foram marcados por discursos e diálogos no campo da literatura angolana, tomando-se as narrativas dos escritores angolanos como instrumentos de análise, a partir de uma revisão bibliográfica concisa, o que possibilita ao leitor uma expectativa de leitura e uma perspectiva na construção de sentidos.

Desse modo, este artigo tem por objetivo apresentar reflexões e discussões sobre as narrativas em foco, problematizando-as no sentido de buscar e construir respostas agenciadoras da nova realidade sociocultural dos angolanos. Assim, questões a respeito dos discursos sobre os romances, os itinerários espaciais percorridos por autores, narradores e personagens, as palavras, expressões, gestos, e outras formas discursivas, como instrumentos de linguagem que cadenciam a consciência social, foram considerados elementos relevantes para que novos olhares e dizeres fossem construídos e reconstruídos.

Assim, na segunda seção deste trabalho, as discussões circulam em torno de *Mayombe*, de Pepetela. Já a terceira seção volta-se para os olhares sobre *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso. Por fim, na última seção, em considerações finais, segue-se o cruzamento das ideias em torno de ambas as obras, comentários sobre o papel da memória no transcurso das narrativas. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como parte de um capítulo da tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, de um dos autores deste trabalho, defendida em 2016.

1. Olhares sobre *Mayombe*, de Pepetela

Os países africanos foram historicamente marcados por lutas de libertação, guerras internas, confrontos armados, violentas revoltas e conflitos interétnicos que contribuíram, por muitos anos, inclusive pós o período colonial, para a construção e reconstrução do cenário geográfico, político, social e humano de diversos lugares. A reconfiguração da nova paisagem, consequente de catástrofes provocadas por guerras, criou cenas traumáticas com feridas não totalmente cicatrizadas na memória histórica,

social e cultural de diversos países, dentre eles Angola, onde recai mais de perto a reflexão, neste trabalho.

Além de conviverem cotidianamente com esses cenários, diversas sociedades africanas também enfrentavam exaustivas censuras, bruscas situações de monitoramento político, apagamento cultural, situações postas pelo próprio colonialismo, porque, como afirma Ferreira (s/d),

o colonialismo, de caso pensado ou por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano (FERREIRA, s/d, p. 29).

Esse cenário catastrófico e as imagens criadas e sedimentadas a partir dele constituem-se em fontes fecundas de motivação da escrita literária, que produziu textos com abordagens de diversas espécies. Tais textos foram responsáveis pela criação de discursos que podem revelar outros discursos e questionamentos sobre a cultura e a história de povos relegados pela sociedade ocidental. Muitos autores e diversas obras, principalmente a partir da década de 1980, tentaram produzir uma arte com tendência de frequente reavaliação crítica do passado, a fim de que se entenda melhor o presente, visto que, de acordo com Secco (2008), “sendo a literatura uma instância crítica de reflexão sobre a história, reinventa, ficcionalmente, a realidade e, assim, problematiza questões existentes nas sociedades” (SECCO, 2008, p. 97).

Dessa forma, é preciso analisar como obras literárias e autores representam e pensam as tensões existentes entre passado e presente, entre fantasia e realidade, entre história e literatura, revisitando e repensando os antigos e atuais sonhos libertários. Os

romances *Mayombe* e *Noites de Vigília* podem ser expressivos em temas recorrentes sobre processos coloniais e anticoloniais e de histórias ainda não totalmente esgotadas de interpretações.

Como a literatura também é um recurso usado pelo homem para ajudá-lo a reescrever o passado, autores como Pepetela e Boaventura Cardoso, sob o calor dos fatos, muitos inclusive vivenciados por eles, dedicam partes de suas produções literárias a uma pesquisa de cunho histórico, social e político. Chaves (2005), discutindo a importância do passado no contexto literário, reconhece a relevância do trabalho de Pepetela, ao afirmar que

Pepetela, autor de *Mayombe*, um romance que traça a épica da luta guerrilheira, fará, anos mais tarde, uma espécie de balanço dessa geração que apostou na independência e que, enquanto grupo, se esfacela na experiência complicadíssima de gerir o país que a utopia queria ter construído. [...] Agora identificado com o período de gestação da liberdade, o passado não é nem glorificado, nem rejeitado. Transforma-se em objeto de reflexão mesmo para quem tão vivamente participou desse itinerário (CHAVES, 2005, p. 57).

Pepetela exercita o gosto pela investigação histórica e a faz seu principal recurso, transformando, muitas vezes, a realidade em histórias ficcionais, gotejadas de experiências que resultam em um texto muito próximo do real. A conversão dos fatos em ficção é feita de tal modo que os sujeitos imaginários e suas descrições são recobertas de um saber extraído de fatos e acontecimentos memoráveis pelo autor e pela sociedade na qual ele está inserido. Dessa forma, *Mayombe* não recupera na totalidade todos os signos da guerra precedente à independência de Angola, até porque o objetivo do texto literário não é marcado por tal propósito; não obstante, o romance apresenta importantes referências que podem integrar e retomar o passado como um elemento revelador de

matrizes que ajudam a reavaliar momentos historicamente importantes na construção de uma nação e na formação cultural do povo angolano.

Nessa perspectiva, o itinerário literário angolano caminha em direção à construção de uma relevante história de resistência ao domínio lusitano e de uma ordem adversa da imposta pelo colonialismo. Os autores tentam produzir uma arte que se integra numa luta contra o apagamento, o esquecimento e o silêncio e que se revele a favor da vida, do homem e da história, erguendo o compromisso com a história do país. Nascem, portanto, os projetos ideológicos objetivando cortes de laços com a metrópole, condição indispensável para abominar o colonialismo, já que, segundo Chaves (2005, p. 45), “como herança, o colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher esse vazio que a consciência vinha desvelando”.

As narrativas literárias delineiam-se a partir de alterações ocorridas na sociedade, e as mudanças históricas são fundamentais para o direcionamento de novas abordagens e itinerários. Por isso, o curso do texto literário é definido por ocorrências históricas que sofrem ações mutáveis ao longo dos tempos, e os novos signos, as novas paisagens e a constituição de novos sujeitos são determinados de acordo com as feições históricas de cada momento. Ainda de acordo com Chaves (2005, p. 189), “em todos os territórios africanos colonizados por Portugal, a produção literária chamada nacional nasce sob o signo da reivindicação”.

No entanto, a mesma autora lembra ainda que as primeiras narrativas que contam a história da literatura angolana não conseguem despir-se completamente de uma visão lusitana. Por isso, nos textos surgidos até a década de 1950, o angolano aparece como um ser exótico, com pouca expressividade, e só mais tarde novos textos conseguem

paulatinamente engajar o africano em situações mais concretas e sólidas. Sobre essa nova visão do ser angolano, Chaves (2005) conclui que

Mayombe, tal como ocorre em outras datadas da década de 1970, revela que a literatura angolana não se define como um conjunto de ilhas utopicamente situadas no mar do exótico. A capacidade de inovar também no plano da expressão, criando suas próprias marcas, livra o texto do risco do pitoresco sem que isso implique a assimilação de um comportamento culturalmente servil. Solidariamente plantada na realidade de seu chão, a consciência social do escritor atua também na busca de soluções de linguagem que atendam à representação das questões formuladas pelo projeto ideológico (CHAVES, 2005, p. 74).

Observe-se que a autora elege a obra *Mayombe* como uma narrativa que consegue percorrer espaços diferentes de textos produzidos em décadas anteriores, muito embora a crítica lhe reserve algumas considerações pormenorizadas quanto à abordagem temática e sua constituição ideológica.

Em relação ao autor Pepetela, Chaves (2005) também reconhece sua imensurável importância no contexto literário angolano. Em seu capítulo *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*, a autora discute o papel relevante do escritor no curso da literatura angolana, mostrando grandes influências que o romancista teve nas conquistas e nos avanços dos projetos de libertação e de nacionalização de Angola.

O romancista angolano valeu-se da própria literatura e dos acontecimentos históricos para organizar a sua visão sobre a constituição da sociedade angolana. Para tal propósito, a escolha temática, a definição do estilo e a seleção de referências que atendam adequadamente à sua proposta são fundamentais para a formação de um escritor que logrou êxitos ao longo de sua carreira.

Discutindo lugares assinalados ou algumas imagens espaciais na ficção de Pepetela, Padilha (2003) reconhece que há um claro empenho dos produtores ficcionais de se debruçarem sobre o que se passou e se passa no palco da história de Angola, a fim de que se dispensem esforços na construção de um projeto coletivo de reescrita da nacionalidade. A pesquisadora cita obras do autor angolano, mostrando a importância da constituição de diversas vozes presentes nelas, na elaboração de um projeto pela construção de uma nação livre e soberana. Sobre essa ideia, torna-se relevante considerar o pensamento de Padilha (2003), quando ela afirma que,

como se dá com *Mayombe*, há uma pluralidade de vozes narrativas a se suplementarem umas às outras. Indica-se, com isso, não ser factível pensar-se em qualquer singular monolítico. Entrelaçados, o mito, a história e a ficção criam um lugar de forças dos mais surpreendentes no espaço ficcional angolano. Como se não bastasse isso, o produtor textual orchestra uma polifonia de gêneros artísticos, na tentativa de construir simbolicamente Angola e seu contexto multifacetado. Assim, a história de Luanda e da fundadora do império – lembremo-nos de Muatiãnvua, nome igualmente mítico, ressurgido em *Mayombe* – se representa não só no registro literário, que tudo engloba, mas no plano das mais variadas linguagens artísticas, como a do balé (como espetáculo); a da música; a da dança; a do roteiro escrito, etc. (PADILHA, 2003, p. 320).

É inegável o reconhecimento dos projetos políticos e literários de Pepetela para com seu povo e sua nação; por isso, trazer à luz da análise crítica e interpretativa qualquer de suas obras significa revisitar fragmentos da história da sociedade angolana em diversos momentos e, assim, “apoiado na sua própria experiência, Pepetela firma o seu itinerário e organiza as linhas de uma obra onde se podem recolher fios expressivos da própria história de Angola” (CHAVES, 2005, p. 88).

Como as obras de Pepetela estendem-se do épico ao lírico, do romântico às causas sociais, do complexo ao ambíguo, é bastante provável que o próprio período histórico,

pelo qual Angola passou, tenha contribuído fortemente na sua produção literária, tornando-a muitas vezes contraditória, visto que o romance tenta materializar no texto as hesitações experimentadas diante das contradições postas pela sociedade. Dessa forma, pontuar possíveis aspectos contraditórios em discursos literários de Pepetela quanto aos fatores dos ideais colonialistas e anticolonialistas significa apresentar as próprias vivências e experiências conflitantes de um período selado por ambiguidades, contravenções e contradições, características essas bem peculiares à sociedade em estágio de constituição e de tensões cotidianas.

Secco (2008), em ensaio intitulado *Mayombe: os meandros da guerra e os “feitiços” do narrar*, apresenta considerações importantes sobre o romance de Pepetela, conduzindo o leitor a perceber a polifonia existente no texto literário. Segundo a autora, a narração das guerrilhas evidencia a crítica ao colonialismo português e o repúdio a qualquer forma de opressão. Pontua-se ainda que a temática do romance ultrapassa tal propósito e, a partir de uma narrativa, às vezes, mística, outras vezes romântica, o texto revela diferentes temas relacionados ao poder, à liberdade, repensados dialeticamente não só pelo prisma social, mas também pelo existencial.

Dessa forma, as diversas vozes desfilam entoando muitas vezes um som uniforme, simbolicamente harmônico; por outro lado, a acústica produzida diverge e provoca dissonâncias dentro da própria constituição textual, gerando assim efeitos ambíguos e contraditórios. Essas vozes que ora se aproximam, ora se fundem, ora se rechaçam, migram para diferentes itinerários e marcam o período histórico extremamente conflituoso da sociedade angolana à beira de sua independência.

A obra do escritor angolano aborda diferentes temáticas, gerando inúmeros signos, e sempre está sujeita a múltiplas possibilidades de leituras e releituras. Sendo

assim, no caso específico de *Mayombe* é inapropriado trilhar caminhos seletivos e temáticos apenas sobre a guerrilha, para que não se opere e nem se restrinja a evidenciar o dualismo entre colonizador e colonizado. Não se trata apenas de elevar a categoria entre dominador e dominado, enfocando a ideia maniqueísta, é preciso atentar-se aos possíveis desdobramentos existentes nas entrelinhas do texto, percebendo as demarcações rizomáticas reveladoras de sentidos que muitas vezes estão escamoteados ou ocultos.

2. Miradas sobre *Noites se Vigília*, se Boaventura Cardoso

Como muitos outros que se empenharam na luta contra as armadilhas do colonialismo e seus resquícios, Boaventura Cardoso não hesita em produzir uma literatura consistente e, ao mesmo tempo, consciente em prol de uma consolidação nacional e da liberdade de seu povo. Grande parte de sua produção literária volta-se quase que exclusivamente para a criação de uma literatura que se identifique com a sociedade angolana, e seus personagens tentam revelar por meio de cenas, atitudes e comportamentos o lado desumano da exploração colonial.

Além disso, revivendo histórias do passado, numa espécie de arquivo memorialístico, o autor cria um discurso que parece ir de encontro ao discurso colonial e busca incessantemente a criação de uma arte capaz de reavaliar o passado e modificar o presente, apresentando, aos leitores, características intervencionistas no pensar, no agir e refletir. Assim, “com uma intenção marcadamente política, a escrita literária tornava-se instrumento de rebeldia, capaz de subverter a ordem instalada e de trazer para o fazer literário as tensões do contexto de sua produção” (FONSECA, 2003, p. 83).

Mesmo em contextos diferentes, percebe-se uma aproximação temática das obras *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, principalmente por trazerem cenas da vida política e cultural angolana e se firmarem como uma literatura de luta. Sobre a possibilidade de estabelecer relações entre narrativas literárias, Santilli (2003) afirma que

a opção de aproximar obras literárias pelos temas em torno dos quais se estruturam, corresponderia, então, ao propósito de partir de similaridades básicas que a recorrência temática indicasse, para a busca da diversidade que adviria do tratamento peculiar que, em cada literatura ora determinada, viesse a receber (SANTILLI, 2003, p. 238).

Assim, a similaridade que une as narrativas em análise refere-se aos recortes realizados pelos seus autores sobre as problemáticas políticas e culturais de um país historicamente marcado pelo colonialismo e por conflitos internos, principalmente quando Boaventura Cardoso retoma aspectos políticos do período da independência angolana. Insistindo nas abordagens realizadas pelos escritores, confirma-se ainda certa aproximação entre eles quando se percebe que tentam produzir uma arte capaz de levantar vozes contra o mundo da exclusão, trazendo para as páginas de romances cenas cotidianas - vivenciadas por seres quase humanos - objetos, valores, práticas culturais, novos dramas e novos dizeres que se contrapõem ao sistema colonial.

Esses autores, além de eleger a condição angolana como eixo temático para seus textos, têm em comum um compromisso estético, gerado por um cenário em que os princípios literários despontam ações de execução intervencionista e/ou reivindicatória. Discutindo literatura e nacionalismo em Angola, Andrade (2010, p. 22) reconhece que “se bem conscientes do facto de que seus escritos não podiam atingir o grande público

africano (iletrado na esmagadora maioria), estes criadores apresentaram-se a si mesmos como os perturbadores da ordem colonial”.

Perceber a importância da produção literária de Boaventura Cardoso significa reconhecer a própria constituição dialética da formação histórica e cultural de Angola, compreendendo as diversas matrizes culturais estampadas e expressas em muitas tensões ocorridas no âmbito político, econômico e social. Muitos momentos relevantes da história de Angola constituíram-se em verdadeiros projetos arquitetados por muitos autores, inclusive Boaventura Cardoso, que objetivavam expressar desejos, angústias, revoltas, ambições e conflitos sociais, redesenhando a história do povo angolano.

Na esteira dessa discussão, pode-se situar Boaventura Cardoso como um escritor proeminente em recortes da sociedade angolana. Apresentando reflexões sobre a condição pós-colonial, Inocência Mata (2003) reconhece que a descolonização é um processo reconstitutivo e que essa reconstituição identitária não tem que pressupor uma ruptura com os discursos hegemônicos, mas, sobretudo, criar estratégias discursivas que abordem essa nova ordem. A esse respeito, a autora afirma que os próprios autores angolanos se empenharam nesse percurso, destacando o nome do romancista Boaventura Cardoso, como um autor que

viaja da representação do quotidiano colonial dos musseques de Luanda em **Dizanga Dia Muenhu** (A lagoa da vida), 1977, e em **Fogo da fala** (1980), para a releitura do imaginário popular e a sua compreensão no contexto de uma Angola moderna em **A morte do velho Kipacaça** (1989) e para a reconstituição rememorativa de um passado incômodo colonial (a resistência interna e as tensas relações entre negros e brancos no seio dela) através de mediações simbólicas (como em **O signo do fogo**, 1992); por outro lado, o romancista faz, desapaixonadamente, a nomeação de terrível passado pós-colonial, o período de 27 de maio de 1977 e o ano de 1997 e os meandros de uma sociedade gerida pelo

medo, através de uma alegoria de cães e desmaios em **Maio, mês de Maria**, 1997 (MATA, 2003, p. 55).

Segundo as considerações de Mata (2003), observa-se que o autor angolano apresenta uma trajetória literária diversificada e eclética quanto à tematização e às abordagens, referenciando diversos aspectos que ajudam a compor o quadro de tendências literárias, extremamente importantes na formação da literatura de Angola.

Em *Noites de Vigília*, por exemplo, percebe-se que as histórias são recobertas por passagens históricas e sociais, estendendo a visibilidade do romancista não apenas a um narrador de história de seu povo, mas, sobretudo, a um pesquisador/experimentador que com sabedoria e perspicácia soube valorizar tão bem as histórias e os conflitos de seu país, transformando-os em denúncias literárias de forte expressividade.

Em muitas circunstâncias, o texto literário identifica ou tenta recriar figuras históricas, conflitos, acontecimentos, dramas vividos, lugares e tipos humanos, por meio de discursos que em vários momentos ultrapassam a dimensão ficcional, beirando a realidade. Muitas vezes, levando em consideração essas ideias, “a literatura em Angola parece atribuir-se a função de desenhar o rosto de um povo ainda sem ele, de dar voz a uma gente ainda condenada ao silêncio” (CHAVES, 2005, p. 70).

Por isso, pode-se eleger o texto ficcional como um meio, uma possibilidade de releitura do passado, numa perspectiva de entendimento do presente. Sobre essa possibilidade de expressão, de reinterpretação do passado tentando moldá-lo às exigências das interpretações eficazes e iluminar segmentos sociais, ideias e eventos históricos, Mata (2003) aponta que é possível, por meio de estratégias contradiscursivas, uma espécie de renomeação discursiva. E, segundo ainda essa pesquisadora, isso ocorre também em produções literárias de Boaventura Cardoso e Pepetela:

em Boaventura Cardoso e em Pepetela consistem no destecer das teias do logro, em olhares prismáticos, em desnudar silêncios e sombras da História – e nisso reside o diálogo que as suas escritas mantêm. Por outro lado, a inovação contida na obra romanesca de Pepetela reside no repovoamento da paisagem e na remitologização do espaço da utopia roída pelos descasos da revolução (MATA, 2003, p. 60).

Essa possibilidade de abordar aspectos históricos, permitindo releituras de fatos ditos e interditos confere aos textos de Pepetela e de Boaventura Cardoso uma característica metaficcionista com feições historiográficas. Observe-se que os autores, por meio de uma leitura estética, ventilam fatos ocorridos, criando representações como se houvesse sucedido na realidade. Assim, o discurso literário pode ultrapassar muitos fenômenos da língua e “funciona como um logro ou lugar que dialoga com o dentro e o fora, com o interior e o exterior da linguagem literária” (FONSECA, 2008, p. 27).

Analisando o romance *Maio, mês de Maria* (2001), de Boaventura Cardoso, sob a ótica da nova história cultural, Secco (2008) afirma que o romancista faz a ficção dialogar com a história, percebendo que a abordagem realizada pelo autor apresenta uma ótica que se aproxima da nova história cultural, pois ele consegue recriar o contexto angolano pós-independência por intermédio da captação das múltiplas representações discursivas presentes nas práticas sociais. Ancorado nessas ideias, pontua-se ainda que a história não se baseia apenas na materialização dos fatos, numa perspectiva socioeconômica, mas, sobretudo, tenta dar ênfase aos diversos processos de representações culturais formados a partir de comportamentos, de relatos, de experiências que revelam o imaginário social. A literatura, por sua vez, nutre-se dessas novas experiências e timidamente fornece elementos que permitem a construção de diálogos entre diversos campos e áreas do conhecimento.

Dessa forma, percebe-se que a produção literária de Boaventura Cardoso é resultante de uma experiência vivida e de uma pesquisa histórica sobre aspectos culturais e políticos de um povo que experimentou os ásperezos anos do colonialismo e de suas heranças que, infelizmente, perduraram por anos. Cenas essas que se fundem, imbricam-se e revelam-se numa profusão de imagens representativas da sociedade angolana antes e pós-independência. Além disso, seus textos promovem uma necessária reflexão crítica sobre as histórias políticas e culturais de seu país, principalmente, por traçar um panorama histórico-cultural de uma nação politicamente nova.

Boaventura Cardoso consegue apresentar sua terra natal metaforizada de diversas formas no texto. Criando e recriando a linguagem, ele torna a narrativa dinâmica e lúdica, convidando o leitor a ultrapassar limites da leitura para que se crie uma situação de cumplicidade que só os textos instigantes conseguem provocar. Uma das principais características, que talvez percorra quase todas as suas narrativas, é forjar a tradição e a história como elementos referentes, para que formas de resistência cultural, política e social possam vir à tona por meio de diversos personagens, formados pelos fios cruzados e inter cruzados de várias histórias. Dessa forma, o autor consegue pontuar episódios extremamente importantes sobre o que se passou e se passa no palco da história de Angola, fazendo uma profunda e crítica leitura desse país, que desde a independência, política, tem sido marcado por momentos contraditórios.

Em relação à narrativa *Noite de Vigília*, ainda há poucos olhares sobre ela, devido à sua recente publicação (2012). Não obstante, pode-se verificar que Boaventura Cardoso convida o leitor a realizar uma releitura de processos históricos ligados à independência de Angola, com o objetivo central de prolongar as discussões sobre as diversas contradições emergentes à instalação do sistema político pós-independência.

Assim, a narrativa de *Noites de Vigília* é marcada por dois planos que no jogo de ir e vir revelam pontos de vista bem distintos sobre a ação colonial e a ação anticolonial, sobre o sistema político que visava à libertação e também sobre os posicionamentos desse sistema pós a almejada independência. E para tal proeza literária, o autor dedica-se à criação de dois personagens: Quinito, aparentemente o protagonista, que se inclina a uma visão com tendências marxistas, inspirando-se no ideário comunista-socialista; e Saiundo, personagem que é marcado pela poder reflexivo e consciente do diálogo e, sobretudo, tenta relativizar os fatos e os acontecimentos, permitindo múltiplas visões.

Ao ser questionado, em entrevista por e-mailⁱ, sobre uma possível crítica ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na figura de Quinito, e à União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) na construção de Saiundo, como uma espécie de revisionismo do passado histórico do pós-guerra angolano, Boaventura Cardoso afirma que,

mais do que críticas a este ou aquele partido, subjaz no romance uma invectiva contra o regime de partido único (em vigor até 1991) e todas as práticas dele decorrentes; contra os ideólogos do marxismo-leninismo (Lénine e Estaline sobretudo); contra a União Soviética e outros países do então Bloco Socialista. Por exemplo: o culto às figuras de Marx, Engels e Lénine; a visão materialista do mundo como indispensável e necessária para análise de qualquer fenómeno social; o ilusório combate às igrejas e às religiões em nome de uma dita "concepção científica do mundo" que previa, de entre outras medidas, a educação ateísta no seio das "massas populares" (CARDOSO, 2013).

Enquanto se acompanha os trâmites narrativos por meio da voz do narrador e de personagens, muitos acontecimentos vão se desenrolando nos bastidores, e leituras e releituras são possíveis de serem realizadas, tomando como escopo as diversas vozes ditas e interditas ao longo do processo enunciativo. Assim, as diversas vozes, os

pensamentos, as reminiscências vividas, exprimidas e divulgadas por personagens e narradores formam assim um texto dentro do texto, dando mais solidez, corpo e sentido às diversas passagens que ora se revelam firmes, ora instáveis e ora ainda contraditórias.

Considerações finais

A história da humanidade é registrada de diversas formas e pode ser compreendida e (re)interpretada de diferentes maneiras, levando-se em consideração os contextos que se apresentam em distintas épocas. Figuras, desenhos, imagens e textos são produzidos, cotidianamente, deixando marcas e delineando aspectos culturais de lugares e espaços modificados pelo próprio homem. Essas experiências vividas e experimentadas pelo homem constituem-se em elementos capazes de gerar inúmeras representações que podem ajudar na composição e na recomposição da esfera social e cultural do homem ao longo de sua formação histórica. Muitas dessas experiências ao longo dos anos vão se perdendo, fragmentando, e é por meio da memória que se pode restabelecer imagens e recuperar fatos, visto que ela deve ser vista não somente como ferramenta para guardar lembranças, mas, sobretudo, como capacidade de (re)significação de coisas e de si mesmo.

Assim, quando se propõe discutir aspectos relacionados à cultura africana não se pode dispensar discussões relevantes aos estudos sobre memória, até porque a história desse continente é marcada pela heterogeneidade cultural formada ao longo dos anos e sua constituição histórica guarda elementos importantes, que revolidos por processos memorialísticos podem ajudar na reinterpretação e ressignificação de fatos, criando

novas imagens e linguagens capazes de (re)ensinar e (re)traçar os caminhos genuínos em direção aos costumes tradicionais como formas de resistência cultural, política e social.

Dessa forma, as experiências vividas pelos autores e por determinados personagens tanto em *Mayombe* quanto em *Noites de Vigília* demonstram que as mazelas e os discursos despóticos resultantes de muitos séculos não foram totalmente superados em pouco mais de alguns anos após a libertação nacional, “alcançada pela via das armas, a independência, perseguida por tanto tempo, não conseguiu pôr fim a um quadro complicado de acirradas contradições” (CHAVES, 2005, p. 288). Essas incongruências são vistas e revistas por ângulos, por situações e em contextos diferentes nas narrativas de *Mayombe* e de *Noites de Vigília*. Afinal, a urgência de novos tempos impõe olhares inquietos para os conceitos e observações postas pelo colonialismo.

Referências

- ANDRADE, Mario Pinto de. Literatura e nacionalismo em Angola. In: MATA, Inocência e PADILHA, Laura. *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Colibri, 2010.
- CARDOSO, Boaventura. *Noites de Vigília*. São Paulo: Terceira Margem, 2012.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005.
- FERREIRA, Derneval Andrade. *Vozes em diálogo na literatura angolana: Mayombe, de Pepetela e Noites de Vigília, de Boaventura Cardoso*. Tese (Doutorado Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos). 228 f. Universidade Federal da Bahia. 2016.
- FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, (s/d).
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

_____. Presença da literatura brasileira na África de língua portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

OJE-ADE, Femi. *Negro: raça e cultura*. Tradução Ieda Machado Ribeiro dos Santos. Salvador: EDUFBA, 2006.

PADILHA, Laura Cavalcante. Lugares assinados ou algumas imagens espaciais na ficção de Pepetela. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

PEPETELA, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. *Mayombe*. 7. ed. Publicações Dom Quixote. 1990.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e tangentes*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

Recebido em 4 de fevereiro de 2019.

Aceite em 25 de março de 2019.

ⁱ Entrevista por e-mail: CARDOSO, Boaventura. *Sobre a narrativa Noites de Vigília*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: lussala@hotmail.com, em 30 dez. 2013.